

Fátima Fernandes
**Valorização da Arquitectura
e da Paisagem Patrimonial
do Cabo Espichel**



Para esclarecer a questão a que primeiro nos desafia o tema desta publicação – *De que falamos, quando falamos de património?* – parece-nos necessário sublinhar e contestar a ideia corrente que induz a pensar que o património está confinado às áreas dos centros históricos ou ao *património classificado*, para afirmar a necessidade de alargar o conceito a todos aqueles espaços carregados de valores e qualidades arquitectónicas e paisagísticas necessárias ao homem e às civilizações futuras.

A nossa época tem sido avessa à classificação de edifícios ou conjuntos do período moderno e contemporâneo. “A idade, valor inaplicável à arquitectura, é usado cada vez mais como factor de medida pseudo qualitativa... A cultura conservadora não reconhece aqueles mecanismos da historia urbana que permitiram a revitalização e evolução das civilizações e impede, através do ocultamento e do mimetismo, a recuperação e uso do grande património herdado” (Cannatà & Fernandes, 1999, p.7). E assim, à medida que se afirmam as tendências de embalsamamento do património, acentua-se o enfraquecimento dos lugares com depósito histórico e cultural, acabando por transformá-los em *representações* fantásticas de um passado que apesar de gerar riqueza material por via do turismo, não permite a integração real de seus valores na cultura do nosso tempo.

Associar directamente e indiscriminadamente valor ao que é antigo, leva muitas vezes a interpretações perigosas sobre a avaliação da qualidade e importância do património mais recente ou até do que é contemporâneo. Consideramos que uma sociedade desenvolvida deveria avaliar a importância do seu passado, não pelos valores de mercado nem pelas classificações atribuídas, nem por condicionantes derivadas de processos de classificação, mas sim pela sua importância e influência na qualidade do espaço e na harmonia da vida do homem e das comunidades. Assim, ocorre desenvolver uma cultura e afirmar uma ideia de transformação e modificação consciente do património existente, em função da sua reutilização equilibrada e da necessária redefinição de um território que responda às exigências do homem.

Reabilitar, hoje mais do que nunca, significa fundamentalmente recuperar as qualidades perdidas e integrar ao mesmo tempo aquelas características necessárias para que os territórios degradados passem a oferecer as condições de conforto e beleza necessárias à vida. Condições que ultrapassam as necessidades imediatas, contabilizadas de forma *simplista* e impostas por economias de mercado que requerem lucros imediatos, prevalentemente unilaterais. Como dizia Fernando Távora já em 1962, “há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua actualização, quer fazendo-o acompanhar de obras contemporâneas.” (Távora, 2013, p.58)

Sabemos bem que os termos da questão conexas com a valorização do património são de três âmbitos: económico, político e cultural.

1. Casa da Água



2. Vista Santuário de Nossa Senhora da Pedra Mua desde Norte



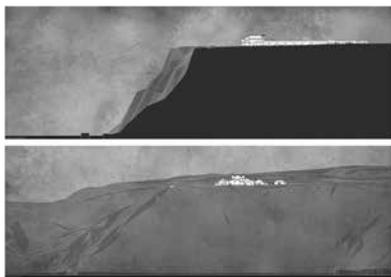
3. Vista do Santuário de Nossa Senhora da Pedra Mua desde a Casa da Água



4. Vista da abside da Igreja do Santuário com a Capela da Memória no horizonte



5. Pimenta Dias da Silva: **VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história.** Planta geral e perfil do conjunto das intervenções



6. Pimenta Dias da Silva: **VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história.** Perfis com a integração do espaço Motivações.

Abordando de forma separada os diferentes aspectos, poderemos encontrar leituras prospectivas deste problema, mas só com a sua conjugação chegaremos a soluções. A forma de ocupação desregrada do território, o estado de abandono de algum do nosso melhor património e a perda da identidade do espaço público, são os sinais mais evidentes de um desperdício económico provocado pela ausência de uma política que valorize o património arquitectónico e da quase inexistência de uma cultura contemporânea do ambiente habitado e da paisagem.

Mas, ainda que lentamente, o trabalho persistente das Escolas de Arquitectura está a criar um chão consistente e sólido que sustenta um novo pensamento sobre o tema do património e uma atitude nova em relação à reutilização dos valores que a arquitectura e as paisagens que o engenho e a arte do homem acrescentaram à natureza.

Estudar e interpretar as experiências mais qualificadas, não para copiar modelos, mas para construir métodos de intervenção específicos e adequados, constitui-se como um dos melhores processos de enriquecimento de uma cultura atenta à valorização da sua identidade e recursos e exigente em relação à integração de novas qualidades.

Em Novembro de 2014 no âmbito da Reunião Internacional o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, coordenador nacional da rede PHI, reuniu um grupo de docentes e alunos das escolas da rede portuguesa para, no âmbito de um workshop paralelo, desenvolver em projecto as questões do Património Cultural.

É muito interessante que no âmbito de um debate sobre estratégias de salvaguarda e valorização se tenha decido associar uma actividade que integrava prática oficial, exprimindo assim a convicção de que no âmbito da arquitectura, para desenvolver conhecimento é necessária uma investigação que cruze tanto a teoria como a prática do projecto.

Integrando-se este documento num território percorrido por escolas de arquitectura associadas à rede PHI, parece-nos útil sublinhar o carácter teórico e prático do método que estrutura o *Projecto Final* desenvolvido na ESAP / Escola Superior Artística do Porto. E é de facto neste modelo de investigação e intervenção que assentam os *projectos de valorização da arquitectura e da paisagem patrimonial do Cabo Espichel*,¹ que nos servirão para exprimir inquietações e sublinhar a valorização do tempo e da memória através do projecto de arquitectura.

O Cabo Espichel é *um Portugal inserido no mundo e fora dele, lendário e arruinado...* escreve Miguel Torga em 12 de Abril de 1938, no seu Diário:

...Um ermo árido pelo mar, uma igreja torreada, terreiro alpendrado e uma tabuleta em má caligrafia a informar que “há petiscos”. Portugal. Um Portugal inserido no mundo e fora dele, lendário e arruinado, de romarias pagãs e ex-votos agradecidos, troféus em cera benta das santas mães que nos vão ganhando os desafios que fazemos ao destino quando ele está desprevenido

(Torga, 1995, p.126).

É nesta condição de *limite* registada por Miguel Torga que reside a própria essência desta parte da Ibéria onde a Europa se inicia, e que os desígnios, como correntes marítimas, arrastam inevitavelmente para outros continentes: “O limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência.” (Heidegger, 2001, p. 134)

No Cabo Espichel, o tema da identidade própria do lugar e o do necessário equilíbrio entre turismo e globalização, são dominantes que agregam também geografia e história e identificam as problemáticas primárias da *paisagem cultural* dos promontórios da costa atlântica portuguesa.

O Cabo Espichel é extremo, disse Orlando Ribeiro: ***muito antes que a vista dê a noção de promontório, vai-se fazendo sentir o isolamento finisterra. O ar carrega-se de humidade; no solo, varrido pelos ventos impetuosos, a vegetação rareia e faz-se em tufos esparsos cosidos no chão. As marcas da ocupação humana tornam-se mais ténues e raras, como se esta se degradasse antes de atingir os limites impostos pela natureza.***

(Ribeiro, 1986, pp. 29 - 41).

A geografia abrupta determina a clara separação entre os elementos naturais e artificiais que conformam a sua paisagem e também a condição estóica dos volumes e espaços ali erigidos para abrigar o homem.

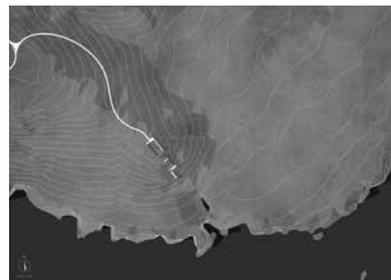
Keil do Amaral refere que o conjunto de edificações erigido no Cabo Espichel no início do século XVIII, “marca uma extraordinária presença naquelas terras desarborizadas, sobranceira ao oceano, e constitui, sem dúvida, uma peça singular no nosso modesto património arquitectónico”. E por isso surpreende, como também o surpreendeu a ele há 50 anos atrás, “a incúria imperdoável, o estado de abandono e de imundície em que tudo aquilo se encontra.”² (Amaral, 1964, pp. 5 - 9)

É claro que a austeridade da paisagem do Cabo Espichel não depende apenas da sua condição geográfica natural; é uma sua característica estrutural devida ao depósito lento e ancestral de um estrato cultural de dimensão atlântica *vertido* sobre o seu sistema natural, e de uma sequência de arquitecturas de traço preciso, ordenadas sobre o seu solo. E neste palimpsesto os traços da fundação da relação da Europa com o resto do mundo – América, África e Ásia – são infinitos e vincados. É portanto fundamental preservar as *pegadas* ali depositadas, mas sobretudo interpretá-las como fonte de conhecimento para a construção de uma Europa que valorize um progresso assente na integração de culturas.

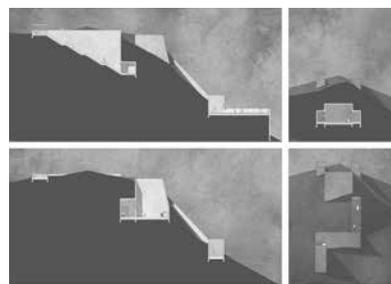
Interpretada assim, no espaço compreendido entre a amplitude do imaginário transoceânico e a austeridade do isolamento, a paisagem deste Cabo é um laboratório maravilhoso para estabelecer leituras prospectivas sobre processos de investigação e de projecto que trabalham com a memória e com o tempo, sobre a questão do património.



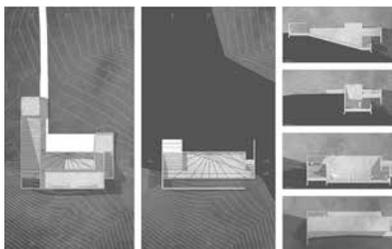
7. Pimenta Dias da Silva: VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história. Perfis com a integração dos espaços Descobertas e Instrumentos & Embarcações.



8. Pimenta Dias da Silva: VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história. Planta com a integração do espaço Mitos & Lendas.



9. Pimenta Dias da Silva: VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história. Cortes e alçados do espaço Mitos & Lendas.



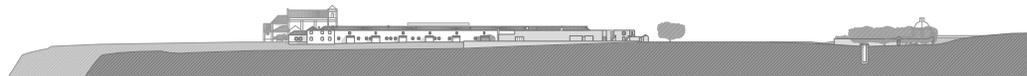
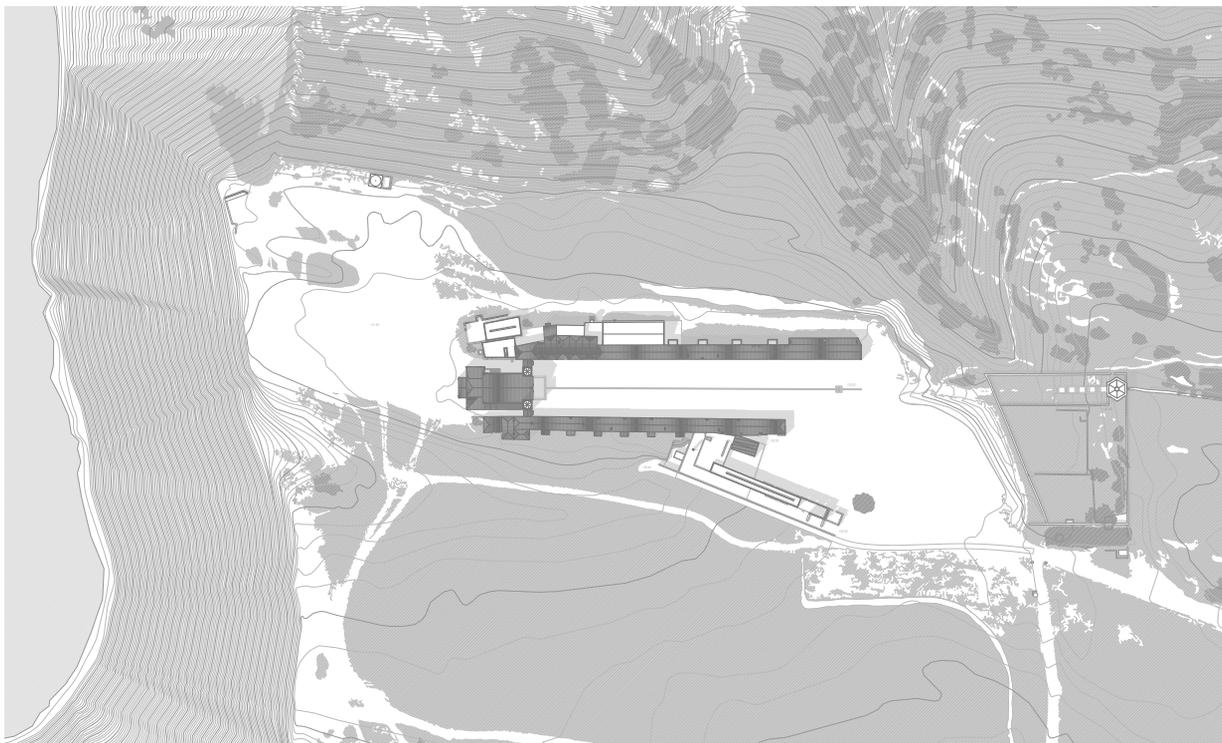
10. Pimenta Dias da Silva: **VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM PATRIMONIAL DO CABO ESPICHEL: Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história.** Plantas, cortes e alçado do espaço **Consequências.**

Os dois projectos que apresentamos valorizam a paisagem através da arquitectura: dois processos que tecem lentamente os traços da cultura do lugar com os da sua geografia, numa trama fina quase transparente que deixa vislumbrar as pegadas do tempo e constroem com a memória uma paisagem contemporânea.

A especificidade do *Museu Portugal no Atlântico: um percurso sobre a história* é a de expor um espólio que se movimenta no espaço fluido e infinito da paisagem do Cabo Espichel com o objectivo de projectar a memória e desprender o visitante da terra firme fazendo-o avançar sobre o mar e sobre o tempo. E o espólio que ali se oferece é o conhecimento que desde esta *linha* “onde a Terra se acaba e o Mar começa” (Camões, 1572, p. 41) Portugal transporta para o mundo. A trama de percursos que se propõe, suportada por informação localizada numa sequência de elementos arquitectónicos, estabelece uma ordem de conexões com o horizonte, abrindo perspectivas sobre as razões e mitos que suportaram e orientaram o *desígnio* ou o *fado* de Portugal no Atlântico. José Pimenta entalhou seis espaços que são o suporte para a introdução de seis ideias: as “Motivações”, as “Descobertas”, os necessários “Instrumentos e Embarcações”, os “Mitos e Lendas” e as “Consequências”. Apesar do percurso voltar à origem, Casa da Água e à sua relação com o Santuário, há ainda um momento designado por “Mar”, que no fundo remete para uma vocação e paixão marítima, e para o *maravilhamento* perante o desconhecido. Assim empurra o visitante para o limite mais ocidental da terra e oferece-lhe uma sequência de espaços que vão conformando uma atmosfera própria e irrepetível. A grandeza originária da Paisagem é reelaborada em cada passagem... de um observatório aberto a um observatório mais fechado, como numa experiência científica que também considera a *circunstância* como o factor que acelera o progresso. E a arquitectura, combina o tempo do nosso quotidiano ao tempo ancestral da natureza, oferecendo-nos essa dimensão poética de que nos fala Pessoa em *O mar jaz* (Pessoa, F., 2013, p. 50):

***Inutilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
Três ondas o apagam,
Que fará o mar que na atra praia
Ecoa de Saturno?***

O segundo projecto para o *Centro de Estudos da relação da Ibéria com o Atlântico*, confirma um método de aproximação à definição dos princípios e das ferramentas projectuais a utilizar num processo de valorização de um património arquitectónico degradado. Diogo Pinho focaliza a sua atenção no conjunto do Santuário de Nossa Senhora



11. Diogo Pinho: VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DO CABO ESPICHEL: Centro de Estudos da relação da Ibéria com o Atlântico. Implantação e perfil do conjunto desde Sul.

da Pedra da Mua e do cercado da Casa da Água dentro do qual se distribuem espaços de recreio arborizados e uma horta para abastecer os habitantes do local e os romeiros.

Já desde as experiências em património arquitectónico realizadas em investigações no âmbito da obra de Nicolau Nasoni por João Carreira e das *Ilhas do Porto* por Michele Cannatà, que desenvolvemos um conceito de intervenção que identifica valores e actua pontualmente com uma atitude crítica e contemporânea, dirigida à sua preservação e integração num quotidiano. Na base desta ideia, estará sempre um pensamento de matriz humanista e uma decisão *transinterdisciplinar* que sustenta a argumentação de uma harmonia entre o sistema de valores preexistente e o sistema novo que se integra como requerimento de uma condição contemporânea de habitar o território. Mas somente um trabalho interdisciplinar, coordenado pela arquitectura, poderá fornecer os instrumentos necessários para a valorização e qualificação dos edifícios e das paisagens patrimoniais, em chave contemporânea.

Para informar o conhecimento intuitivo e sensorial e uma atitude orientada para a produção do projecto entendido como uma síntese analítica e crítica da realidade em que se opera, Diogo Pinho e Pimenta Dias da Silva interpretam necessariamente um amplo conjunto

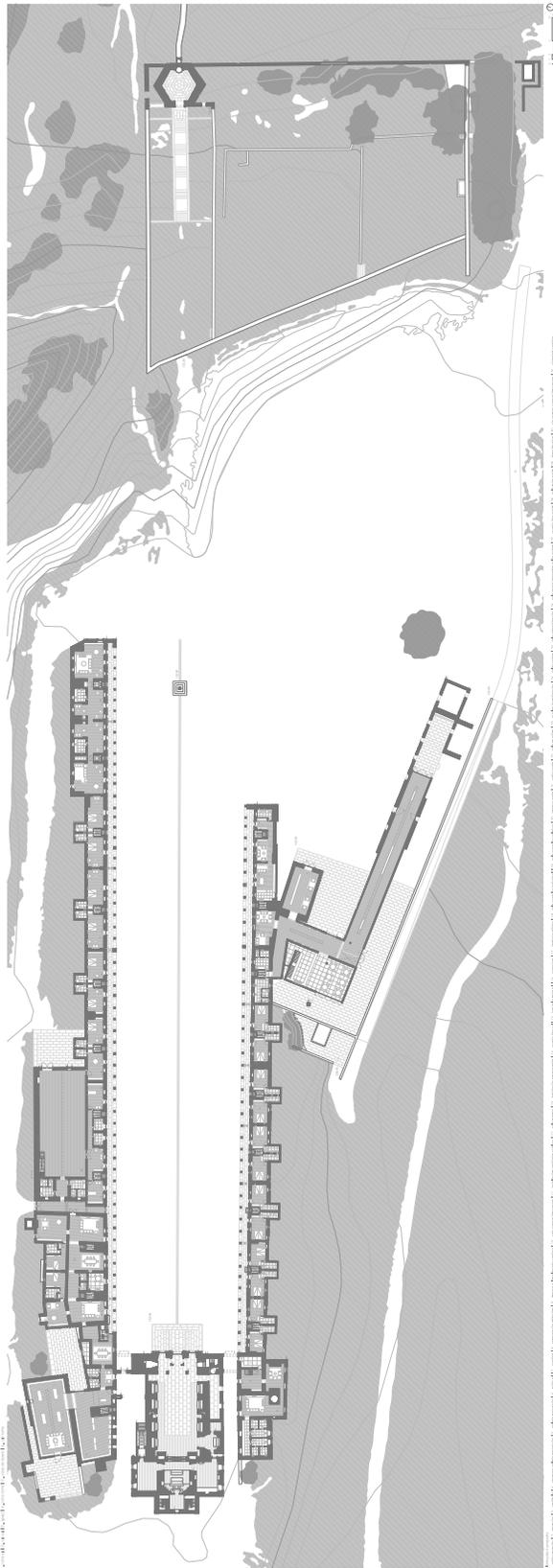
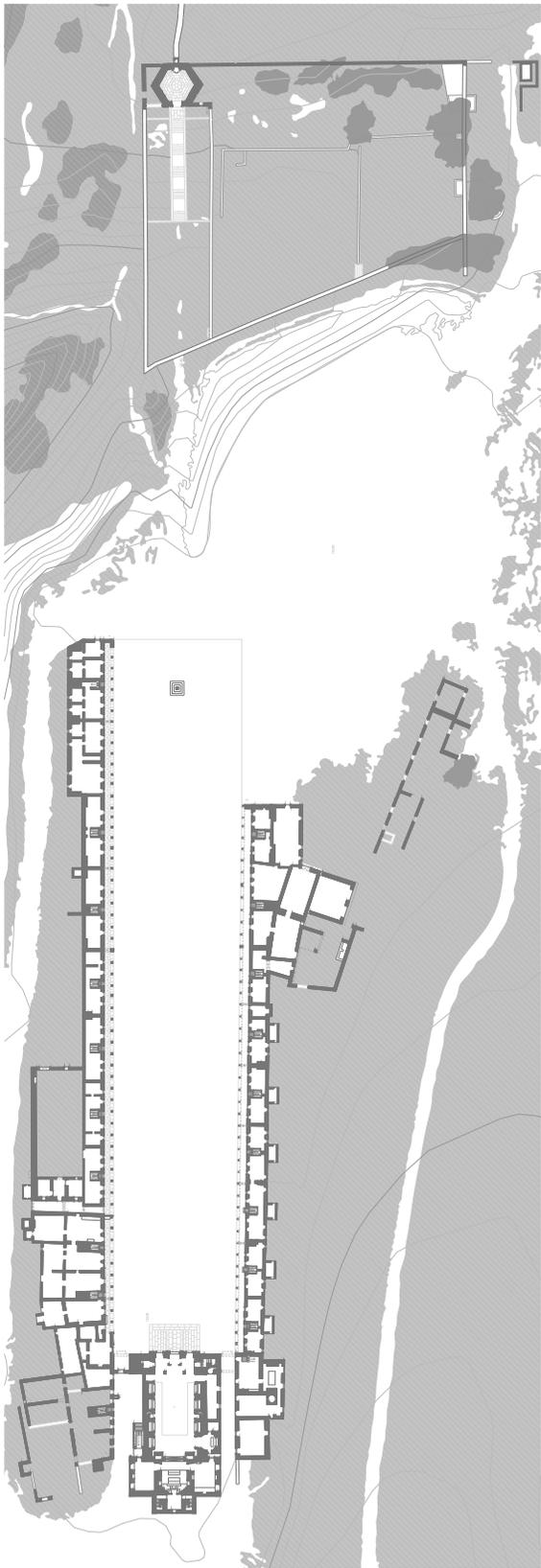
de estudos confiados à especificidade das diferentes ciências (biologia, geologia, climatologia, física, química, cálculo, geografia etc.), das engenharias (estruturas, hidráulica, eléctrica, mecânica, acústicas impacto ambiental), e os registos cartográficos que lhes permitem obter uma visão global de um conjunto territorial morfologicamente complexo e extenso. Do ponto de vista da arquitectura, enquanto disciplina da construção do espaço artificial, a reabilitação é um processo de modificação, de completamento e de substituição, o que por consequência implica estabelecer critérios para a atribuição de valores. O projecto materializa uma ideia que se vai conformando através de um processo de desvelamento do carácter da preexistência... de um processo que vai libertando aquilo que existe, de todos os elementos que deterioram o seu valor, e integrando conscientemente órgãos novos, compatíveis, que revitalizam o organismo original, predispondo de novo a arquitectura para a vida. Faz-se assim mais uma vez esse casamento ente o passado e o futuro, do qual falava Fernando Távora (Távora, 1996, p. 5). O valor do método projectual utilizado, está em permitir recuperar espaços que oferecem conforto físico e sensorial, através da resolução equilibrada de problemas construtivos e funcionais. Mas especificamente por garantir que tais requisitos não se sobrepõem à dimensão espacial e à proporção do espaço original, que é donde reside a qualidade física e poética de qualquer paisagem construída. A beleza surge do escrupuloso cumprimento de um objectivo.

Os exemplos apresentados, claramente limitados a *Trabalhos de Investigação* e *Projecto* que nos são próximos, foram seleccionados por representarem a síntese mais visível dos métodos e das práticas de investigação e de intervenção no património que desenvolvemos na ESAP.

O arquitectura e a paisagem, constituem os sujeitos destas *investigações/projectos* e através da análise e experimentação de uma ideia de projecto de reabilitação e valorização do património do Cabo Espichel, estabelecem-se duas leituras prospectivas do problema, que nos podem permitir construir referências concretas para a valorização de um território, vincando de novo a sua dimensão cultural e os elementos que lhe conferem uma identidade que cruza o local e o universal; e integra também uma condição física, de conforto e solidez, e uma sensibilidade poética necessária ao espírito.

Os territórios Ibero-americanos possuem um valiosíssimo património cultural e portanto uma grande reserva económica. Podemos e devemos utilizar este *capital* acumulado ao longo de séculos, na construção do nosso futuro. As novas actividades podem ser implementadas em edifícios construídos para servir ofícios antigos se tivermos a capacidade de efectuar as alterações adequadas salvaguardando o que é importante e introduzindo o que é necessário.

Por outro lado, o avanço tecnológico, a par dos serviços necessários a um habitar contemporâneo que respeita o passado mas que também



exige inovação, constituirão motivo de valorização e qualificação da arquitectura e da paisagem patrimonial degradadas, mas ricas de memória colectiva.

De um modo geral, estamos convencidos de que a prática da reabilitação e valorização do património constitui uma outra perspectiva de uma sociedade sustentável. Para tal, é necessário que a economia e a cultura arquitectónica sejam capazes de encontrar, um certo equilíbrio racional e poético, entre a reutilização do património pré-existent e a integração dos valores locais e universais necessários à continuação da vida.

1 → Trabalho de Investigação e Projecto Final realizado no 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitectura da ESAP com orientação de Fátima Fernandes (Novembro de 2013 a Julho de 2015) dos quais se apresentam o Museu Portugal no Atlântico. Um percurso sobre a história de Pimenta Dias da Silva e o Centro de Estudos da relação da Ibéria com o Atlântico de Diogo Pinho.

2 → Este documento escrito em 1964 por Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas, Carlos Kjoner Worm, Salustino dos Santos, Hélder Pereira de Almeida e Diogo Lino Pimentel, que integraram uma “missão de estudo” subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian com vista à recuperação do santuário, já alertava para a necessidade urgente de intervenção e adopção desse espaço como área de interesse patrimonial.

Referências Bibliográficas

Amaral, F. K. [et al] (1964). *O Santuário da Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

—
Cannatà, M., & Fernandes, F. (org.) (1999). *Construir no Tempo*. Lisboa: Estar editora.

—
Heidegger, M. (2001). *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes.

—
Pessoa, F. (1994). *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Lisboa: Ática.

Ribeiro, O (1937). A Arrábida. Esbôço geográfico. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, (IV) 1 e 2, 51-131.

—
Távora, F. (2013). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações. (3ª ed.)

—
Távora, F. (1996). *Encontro. Fernando Távora sobre o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. Entrevista por João Leal (22 de Julho de 1996)*. Em Távora F. (2013) – *Figura Eminente da U. Porto. (Minha Casa; Da Organização do Espaço; Da*

Harmonia do nosso espaço; Da harmonia do espaço contemporâneo; Uma porta pode ser um romance). Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva

—
Torga, M. (1999). *Diário*. Vol. (XIII-XVI), Alfragide: Publicações Dom Quixote.